

### III FÓRUM DE INOVAÇÃO DOCENTE EM ENSINO SUPERIOR

## A TEMÁTICA INDÍGENA E O RETROCESSO REVISIONISTA: PROPOSTAS E CONTRAPONTO CRÍTICOS

Yuri Araújo Carvalho  
Centro Universitário Barão de Mauá

### INTRODUÇÃO

O presente texto busca avaliar as determinações (compreendidas enquanto conjugações entre limites e possibilidades existentes na realidade concreta) atinentes à disciplina “História e Cultura dos Mundos Indígenas”, oferecida pelo curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá (Ribeirão Preto) para os discentes do 7º semestre, a partir do início de 2020. Em especial, almejamos examinar as reformulações sofridas pela referida disciplina após o advento do distanciamento social e das aulas mediadas por suportes tecnológicos, provocados pela recente pandemia global (COVID-19).

A disciplina “História e Cultura dos Mundos Indígenas”, revele-se, foi elaborada a partir de esforços conjuntos (oriundos da coordenação e da docência), de modo a atender múltiplas demandas – tanto externas quanto internas. Quanto às exigências exógenas, buscamos, prioritariamente, vincular os estudos aos parâmetros estabelecidos pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e ao insigne advento da Lei nº 11.645/08, a qual tornou “obrigatório no currículo dos ensinos fundamental e médio (público e privado) o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”, com destaque para as abordagens “de aspectos das histórias, culturas e lutas dos povos indígenas no Brasil, no âmbito de todo o currículo escolar” (WITTMANN, 2015, p. 11-12). Quanto às exigências endógenas, procuramos associar a disciplina aos princípios manifestados pelo Projeto Pedagógico do curso, segundo o qual as ações promovidas pelos docentes devem proporcionar aprendizagens atentas ao “respeito à diversidade, aos direitos humanos, às relações étnico-raciais e de preservação ambiental” (CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, 2019, p. 19-20).

### DESENVOLVIMENTO

Preliminarmente, providenciamos a elaboração de um plano de ensino concomitantemente estruturado (com base em conteúdos, pesquisas e discussões fundamentadas por importantes autores indigenistas, como Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, John Monteiro, Manuela Carneiro da Cunha, Aracy Lopes da Silva, além de autores indígenas, como Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Kaká Werá, entre outros) e estruturante (caracterizado pelas contribuições congruentes entre discentes e docente, sendo, portanto, moldável conforme as necessidades manifestadas por ambas as partes

envolvidas). Além disso, procuramos fortalecer a disciplina com propostas, debates e atividades orientadas para o desenvolvimento de múltiplas competências e habilidades discentes, de modo a extrapolar os meros manejo conceitual e mobilização de saberes teórico-metodológicos, dirigindo os alunos, também, para experiências de desconstrução de possíveis preconceitos (velados e/ou ostensivos) a respeito dos “mundos” indígenas.

No entanto, as “condições normais de temperatura e pressão” das aulas foram drasticamente alteradas pelo advento da pandemia global (COVID-19) e a necessária (re)configuração das aulas presenciais para novos formatos mediados por tecnologia (em nosso caso, com o providencial apoio das ferramentas disponibilizadas pelo Portal do Centro Universitário Barão de Mauá – em especial, o *Big Blue Button*, um suporte para transmissões de conteúdos e videoconferências).

Tal período de transição ocorreu, justamente, quando a turma se preparava para as elaborações e apresentações de seminários, nos quais teceriam críticas às abordagens “revisonistas” e/ou “negacionistas”<sup>1</sup> acerca da história indígena brasileira, presentes no programa “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”, exibido pelo canal *History Channel* (e apresentado em sala de aula antes do período de isolamento social). Manifestava-se como imperiosa, pois, a necessidade de reajustarmos as apresentações grupais previamente acordadas, modificando-as para novos formatos.

Após diálogos entre docente e discentes, optou-se pela seguinte solução: as apresentações grupais (seminários) seriam transformadas em elaborações de concisas análises textuais (individuais) a respeito de trechos específicos dos episódios, tais como: “eles [os indígenas] usavam o fogo para tudo; quem se preocupava em preservar a Mata Atlântica era justamente o governo português”; “os Tupi adoravam guerrear, era o máximo se matar por vingança; mesmo assim, a política da Coroa era de preservação das comunidades indígenas”; “os bandeirantes caçavam índios; os bandeirantes eram índios”. O novo formato permitiu que os estudantes produzissem textos caracterizados não apenas pelas mobilizações teórico-metodológicas coerentes com os debates promovidos pela disciplina, mas norteados, também, pelo combate aos preconceitos e pela valorização das identidades indígenas (CUNHA, 2012). Foi possível, além disso,

---

<sup>1</sup> Pautamo-nos em apontamentos construídos pelos historiadores Marcos Napolitano e Mary Anne Junqueira, a partir dos quais pudemos discutir os perigos dos (cada vez mais constantes) projetos “revisonistas” e/ou “negacionistas”, caracterizados pela distorção e/ou destruição dos conhecimentos sobre o passado a partir de táticas como a “apropriação distorcida de teses historiográficas reconhecidas”, “destaque sensacionalista para casos particulares e excepcionais do passado”, “defesa de posições sobre o passado que já partem de um olhar ideológico, moral ou valorativo – mas devidamente ocultado” (para os “revisonistas”) e a “disseminação de falsidades e adulteração de fatos e processos históricos” (para os “negacionistas”) (NAPOLITANO; JUNQUEIRA, 2019, p. 2-3). Estabelecemos, portanto, uma diferenciação fulcral entre as perspectivas “revisonistas/negacionistas” e a necessária e constante “revisão” historiográfica, caracterizada, por sua vez, por um conjunto de fatores: “descoberta de novas fontes, a exploração de arquivos e o enriquecimento dos testemunhos [que] podem fazer incidir uma nova luz sobre acontecimentos que se julgava serem perfeitamente conhecidos ou que tínhamos um conhecimento errôneo. [...] A história escreve-se sempre no presente e o questionamento que orienta a nossa exploração do passado modifica-se segundo as épocas, as gerações, as transformações da sociedade e os percursos da memória coletiva” (TRAVERSO, 2017, p. 32).

expor e discutir os resultados alcançados pelos alunos através das videoconferências do *Big Blue Button*, bem como enviar devolutivas particulares através do Portal.

## CONCLUSÕES

Encerramos o presente texto com algumas ponderações sucintas a respeito dos pontos de melhoria e dos pontos positivos observados durante a experiência relatada. Quanto aos pontos de melhoria, compreendemos que a proposta desenvolvida apresentou sensíveis prejuízos quanto às construções coletivas de saberes discentes (possibilitadas, por exemplo, pelas discussões e produções grupais) e lapidações retóricas (as quais poderiam ter sido melhor oportunizadas por exposições orais, pelos próprios estudantes, dos resultados atingidos pelas atividades); também houve impreteríveis necessidades de reformulações de prazos e quantidades de atividades originalmente sugeridas (a pedido dos alunos). Os pontos positivos também merecem destaque, por conta do notável esmero dos estudantes nas elaborações de suas análises, as quais revelaram claríssimo refinamento das pesquisas superiores (por meio das estruturações textuais em conformidade com as normas acadêmicas) e composições de sólidas perspectivas respaldadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos (GUERREIRO, 2019).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

AUSUBEL, David Paul. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ. **Projeto Pedagógico do Curso de História**. Documento de caráter pedagógico guardado na base de dados do Centro Universitário Barão de Mauá. Ribeirão Preto (SP), 2019, 74 f.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**. São Paulo: Contexto, 2016.

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1991.

GUERREIRO, Antonio. **Os direitos humanos e os direitos dos povos indígenas: por um posicionamento público das universidades [2019]**. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/os-direitos-humanos-e->

[os-direitos-dos-povos-indigenas-por-um#:~:text=A%20ONU%20afirma%20que%20os,como%20povos%E2%80%9D%20\(N A%C3%87%C3%95ES%20UNIDAS%2C>.](#) Acesso em: 10 jun. 2020.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio.** São Paulo: Peirópolis, 1998.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio.** 2ª ed. São Paulo: Callis Ed., 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

NAPOLITANO, M.; JUNQUEIRA, M. A. **Como historiadores e professores devem lidar com negacionismos e revisionismos** [2019]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5207773/mod\\_folder/content/0/NAPOLITANO%2C%20Marcos%3B%20JUNQUEIRA%2C%20Mary%20Anne.%20Como%20historiadores%20e%20professores%20devem%20lidar%20com%20negacionismos%20e%20revisionismos..pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5207773/mod_folder/content/0/NAPOLITANO%2C%20Marcos%3B%20JUNQUEIRA%2C%20Mary%20Anne.%20Como%20historiadores%20e%20professores%20devem%20lidar%20com%20negacionismos%20e%20revisionismos..pdf?forcedownload=1). Acesso em: 06 jun. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas ao Brasil moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TRAVERSO, Enzo. Revisão e revisionismo. In: SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de et al (Org.). **Contribuição à crítica da historiografia revisionista.** Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017, p. 27-41.

WITTMANN, Luísa Tombini (org.). **Ensino (d)e história indígena.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.